

POÉTICAS DO CORPO, METÁFORAS DA DOENÇA*

Juliana Prestes de Oliveria**

Amanda Laís Jacobsen de Oliveira***

■ Com um título significativo e que deixa clara a temática do livro, *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*¹, Anselmo Peres Alós (professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM) organiza uma obra em que 13 trabalhos discutem questões relacionadas à heteronormatividade, às masculinidades, ao corpo e à AIDS. Nessa obra, há a realização de um denso trabalho em que se congrega o pensamento e o questionamento, problematizando a interface da literatura e da homossexualidade e, por consequência, da poética do corpo; algo que é muito relevante ao considerarmos a escassez de discussões, pesquisas e estudos publicados a respeito dessa temática, quando em comparação com outras que são realizadas no mundo acadêmico, o que permite que possamos ampliar o leque de considerações em relação ao debate dessas questões para o nosso desenvolvimento crítico-intelectual como pesquisadores de literatura. Isso é particularmente evidente quando pensamos no que conhecemos sobre a história da homossexualidade, em como ela é silenciada e deixada quase sem espaço no mundo acadêmico, particularmente no campo dos estudos literários.

Tais pensamentos, apontados logo no início do livro, levam-nos a refletir sobre as obras literárias que abordam de alguma forma a homossexualidade – como *Bom-crioulo* (CAMINHA, 1991), *Capitães da areia* (AMADO, 1995) e *O cortiço* (AZEVEDO, 1991) – e, como nelas o foco, na maioria das vezes, recai sobre o

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) Brasil – código de financiamento 001.

** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: jprestesdeoliveira@gmail.com

*** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: amandajacobsen.o@gmail.com

1 O livro está disponível gratuitamente para *download* no *website* do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/29032017-0303150. Acesso em: 5 jul. 2019.

contexto histórico, sem dar atenção mais aprofundada às questões relativas às masculinidades e às homossexualidades devido ao tabu e ao preconceito existentes em nossa sociedade, principalmente quando trabalhadas em sala de aula com alunos do ensino médio, em que se tem a sensação de proibição diante do assunto.

Ao partir deste lugar, no início da obra, deparamo-nos com perguntas que indicam que os autores, por meio de seus textos, buscarão pensar questões sobre a heteronormatividade e a poética do corpo nas artes brasileiras, considerando a existência (ou a ausência) de espaço para todos os corpos e as fronteiras existentes de gênero, raça, orientação sexual, entre outras, problematizando-as e deixando claro, assim, os objetivos do livro. A obra traz à tona pontos importantes para pensarmos e problematizarmos a construção de identidade homossexual a partir dos relatos existentes nos enredos das obras literárias, bem como a sua relação com a epidemia da AIDS.

Na apresentação do livro, Alós faz um breve apanhado histórico dos estudos no tocante à homossexualidade já realizados e publicados, situando-nos sobre as áreas em que estão mais alinhadas as investigações intelectuais e mostrando-nos que é em áreas como a História e a Antropologia que se desenvolvem mais essas investigações, em detrimento do número no qual aparecem na crítica literária. Ao fazê-lo, o texto não apenas situa o seu leitor em seu contexto de produção, bem como deixa clara a relevância das pesquisas ali reunidas, de modo que possibilita evidenciar seus objetos de pesquisa e, ao mesmo tempo, propiciar a ampliação de um espaço a ser ainda ocupado por futuras investigações. Além disso, levados por esse caminho, como leitores, somos instigados a refletir acerca do motivo por essa espécie de rejeição em estudar este tema e o que podemos fazer para essas vezes ganharem espaço na construção da crítica literária brasileira.

Nos 13 trabalhos compilados neste livro, é possível perceber a relativização dos discursos heteronormativos, por meio de enredos que trazem à tona personagens homossexuais, a homofobia, a noção de família, as relações subjetivas masculinas, a situação dos contaminados pela AIDS, os preconceitos, os estereótipos relativos aos desejos homossexuais, as políticas de gênero em tempos de AIDS e a construção identitária do desejo sexual. Ademais, os autores buscam, com base em vários pressupostos teóricos e análise das obras, uma poética do corpo e da subjetividade, partindo de uma teoria já existente e pensando-a nas mais diversas visões sobre o que é *poética*. Dessa forma, ao iniciar em teorias que podem já ser conhecidas por parte do público, os textos conseguem convocar o leitor por meio de uma (mesmo que pequena) noção de familiaridade e, assim, inseri-lo na problemática colocando-o precisamente em seu cerne; e só então convidam-no a perceber essas diferentes perspectivas, interpretações e percepções, antes muitas vezes relegadas a segundo plano e arbitrariamente apagadas.

Ao lermos os trabalhos que compõem este livro, ampliamos nossa compreensão no que diz respeito às implicações da heterossexualidade e da heteronormatividade sobre a forma de pensar e agir de grande parte da população, bem como o modo como isso pode manter um regime político de opressão relativo àqueles que não seguem ou não se “encaixam” no que é estabelecido, além de prejudicar e até mesmo impossibilitar que novos pensamentos, políticas, estudos e ideologias ganhem espaço, principalmente os que se referem às minorias.

No primeiro texto, “Reinaldo Arenas: o menino inoportuno de Cuba”, de Bárbara Loureiro Andreta e Mônica Saldanha Dalcol, há uma leitura da autobiografia do escritor cubano Reinaldo Arenas, intitulada *Antes que anochezca* (1996). Segundo Andreta e Dalcol (p. 50), essa obra talvez seja uma última tentativa do autor simbolizar, por meio da escrita, “um acerto de contas com amigos/inimigos, com a família, com os cubanos de Miami, com os estadunidenses, com o mundo e, especialmente, com Fidel Castro e consigo mesmo”. Para as autoras, o modo como Arenas apresenta sua história revela sua trajetória de vida e mostra como nunca encontrou seu lugar em seu próprio país. De modo engajado, as autoras também discutem as atitudes do Estado em coibir liberdades individuais, resultando, muitas vezes, em catástrofes. Ademais, por meio deste texto, que traz a voz de quem viveu em Cuba, temos contato com uma versão da história da Revolução Cubana e de seu governo, que não sabíamos ao certo se era verídico ou não. A fim de problematizar o discurso heteronormativo e suas consequências sociais, bem como a condição dos homossexuais inseridos nesse meio e sua literatura, que traz a condição desses indivíduos e seu embate contra o governo, as autoras constroem um texto coerente, fluido e de fácil compreensão, entrelaçando questões históricas, trechos de documentos oficiais e excertos da obra literária de Reinaldo Arenas – de modo a ilustrar (e até mesmo convidar) um leitor que não tivesse ainda conhecimento do tema a fundo, possibilitando uma leitura mais ampla da autobiografia do escritor cubano.

No segundo capítulo, “A convencionalidade violenta dos gays no cinema brasileiro e o contraponto não convencional de Highsmith”, Rosimeri Aquino da Silva e Fernanda Bittencourt Ribeiro exploram o modo como os personagens homossexuais, no cinema brasileiro, sempre circulam em espaços sociais à margem, o que resulta em *estereótipos* e *personagens tipo*, perspectiva essa que é comparada com alguns aspectos da biografia e da obra de Patricia Highsmith. Desse modo, as autoras habilmente suscitam a discussão e a reflexão sobre a influência do cinema na nossa concepção e no conhecimento acerca de algo, podendo interferir nas relações e práticas sociais, na construção de identidades e na concepção de gênero e sexualidade. De forma clara e objetiva, Silva e Ribeiro expõem a representação dos homossexuais pelo cinema brasileiro e pela literatura de Patricia Highsmith, comparando e discutindo os dois pontos de vista.

Em “Quando os arranjos familiares e as masculinidades entram em questão na escola”, dos autores Marcio Caetano, Paulo Melgaço da Silva Junior e Treyce Ellen Silva Goulart, são discutidas as noções de *família* de estudantes de uma escola pública da periferia de Duque de Caxias (Rio de Janeiro), levando-os a problematizar essas noções e a liberá-los de discursos heteronormativos. Com exemplos reais de crianças de uma escola de periferia, os autores conseguem nos mostrar como o discurso branco e heteronormativo está presente e arraigado em nossa sociedade, fazendo parte do discurso de crianças e conduzindo-as a achar que a formação correta de uma família é entre homem, mulher e filhos, *todos brancos*. Para chegar nessa questão, os autores entrelaçam teoria, atividades práticas com os estudantes e reflexão sobre os resultados, além de apresentar um modo de trabalhar questões de gênero, formação familiar e ideologias com os jovens em sala de aula, algo pouco explorado pelos docentes. Por essa perspectiva, esse capítulo destaca-se por não apenas discutir o assunto, como também fazer sugestões de ordem mais prática, aumentando a possibilidade de que o assunto se torne efetivo, principalmente na Educação Básica.

No ensaio “Cinco teses sobre a homofobia”, de David William Foster, também há problematização, nesse caso sobre como se dá, nos estudos literários, o diálogo entre as diferentes percepções em torno dos significados de categorias como *queer* e homofobia, analisando como o discurso homofóbico causa violência discursiva. Apesar de o autor não fazer análise de obra(s) literária(s), seu texto traz reflexões e pontos de vistas diversos sobre a homofobia, gênero e teoria *queer*, por meio de teorias, contextualização histórica, análise da linguagem e discursos presentes na Argentina, aproximando-nos de outras perspectivas e do contexto latino-americano. Nesse sentido, inserido no livro, esse capítulo pode funcionar também, para o leitor, como inserção e contextualização da temática, de maneira que, com sua leitura, pode-se refletir acerca das categorias e termos que são relevantes na obra como um todo, perpassando todos os demais capítulos.

No quinto capítulo, intitulado “Histórias de si e o estilo livre de amar”, Paulo César García analisa a obra *O que amar quer dizer* (2014), do escritor Mathieu Lindon, buscando interpretar conceitos peculiares acerca das relações subjetivas masculinas sob o ponto de vista da homocultura. Outra questão que emerge neste trabalho é como se fala de amar, da história de Lindon a respeito de si e a afetividade entre homens, descolonizando discursos de matriz heteronormativa. Por meio da análise do romance, o autor expõe as memórias e a poética de Lindon e sua busca pela liberdade de escrita e de amar, bem como parte da história de Michel Foucault, advinda da amizade deste com Lindon, relação que é retratada em seu livro. García tece um texto em que a teoria, a obra literária e a análise comparativa entre ambas e, principalmente, a escrita de Lindon e Foucault, estão entrelaçadas de maneira coerente e esclarecedora. São discutidas questões de identidade, de subjetividade e de relacionamentos homoafetivos, que estão além do ato sexual, rompendo com o estereótipo de que os relatos homossexuais só retratam desejos e atos sexuais. O capítulo traz ainda à tona o modo como a sociedade reage diante dos relacionamentos gays e dos portadores do vírus HIV.

Em “Escritas de si e artes de viver transgênero: as insubordinações de uma escrita trans?”, Fábio Henrique Lopes questiona:

A escrita, a escritura e a narrativa são neutras e objetivas? Ou, no lugar disso, seriam forjadas e possibilitadas por históricas intersecções, como as do gênero, raça/etnia, classe social e geração? São reflexo do real, do acontecido ou potência instituidora de realidades, de verdades, de modos de pensar e de ser? Práticas de transcrições ou de inscrições? Podemos pensar em modos e maneiras femininas, masculinas, homossexuais e/ou trans de escrever? Esses modos teriam espaços e dimensões de contato, trocas e sobreposições? (p. 127).

Com suas reflexões, o autor instiga também o nosso questionamento a fim de nos fazer perceber como as escritas trans são consideradas clandestinas e, talvez por isso, *queer*. Com este artigo, conhecemos um breve panorama da escrita feminina e da literatura gay, percebendo como essas são vistas e estudadas, para então entrarmos em contato com a escrita trans. Ainda que isso seja realizado, em nenhum momento o autor faz comparações entre estes diferentes modos de escrita; o que ele faz, e deixa claro em seu artigo, é mostrar as formas de escrita, de se *expressar*. Para isso, por meio de uma escrita leve e reflexiva, o autor leva-nos a mergulhar na história, nos relatos e na escrita de Ruddy Pinho e, dessa forma, apresenta-nos a escrita trans, a dimensão poética e ficcional da

escrita de Ruddy, fornecendo-nos conhecimentos e reflexões sobre as funções da escrita e sua possibilidade em romper com o silêncio imposto pela heteronormatividade.

“Entre a palavra e o silêncio: a fragmentação do homem em tempos de AIDS”, de Cláudia Maria Ceneviva Nigro e Juliane Camila Chatagnier, discute o conto de Susan Sontag (1991), *The way we live now*, no qual é problematizada a dissolução cultural e social de um homem contaminado pela AIDS, por meio de uma narrativa que desconstrói a ideia de que somente gays são soropositivos. Ao partir de tais ideias, as autoras discorrem a respeito da construção desse sujeito em meio à epidemia da AIDS. As ideias e concepções de Judith Butler acerca de *sexo* e *gênero* são convocadas de forma precisa e pontual no texto, a fim de auxiliar a leitura do conto de Susan Sontag e o entendimento das novas identidades presentes na sociedade. Com isso, as autoras conseguem chamar a atenção para o modo como essas identidades são recebidas pela sociedade, propiciando ao leitor, por meio de sua pesquisa, a percepção da importância das discussões emergidas, para que o preconceito e a ignorância deem lugar à aceitação e ao respeito.

Os autores João Luis Pereira Ourique e Ana Luiza Nunes Almeida, no ensaio “Caio Fernando Abreu, Cíntia Moscovich e a representação das sexualidades”, fazem uma análise dos contos “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, e da novela *Duas iguais* (2004), de Cíntia Moscovich, com o intuito de refletir sobre a construção de estereótipos a que o desejo homossexual está condicionado, baseando-se na desconstrução dos binarismos de gênero. Por meio de uma leitura crítica dos textos literários referidos, os autores realizam uma pertinente comparação entre as obras e as perspectivas que cada uma traz em seu enredo, discutindo as representações das sexualidades elucidadas nelas e a necessidade da discussão acerca dessa representação no meio social, para que estereótipos, preconceitos e tabus sejam rompidos. Ao discutir sobre tais temas, os autores nos levam a questionar o modo como a heteronormatividade ainda condiciona os discursos da literatura homoerótica a um disciplinamento, além do sistema patriarcal. Por meio da reflexão acerca dos relacionamentos que cada obra revela, é possível perceber o modo como a sociedade os rotula, considerando-os imorais e subversivos, além de nos chamar a atenção para o modo como Cíntia Moscovich e Caio Fernando Abreu constroem a identidade das personagens. Ao tratar da representação por esse modo, os autores não apenas “falam” ao seu leitor acerca das reflexões necessárias, mas o levam a perceber, gradativamente, a maneira arbitrária e desmedida desses estereótipos. Sendo assim, mais do que apontar o erro, eles fazem o leitor percorrer o caminho e perceber por si só a inconsistência e a ridicularização desses preconceitos.

No capítulo “*Por onde andaré Irene? Micropolíticas do corpo, gênero e sexualidade em (outros) tempos de AIDS*”, Fernando Pocahy recorre

[...] a uma cartografia das micropolíticas do gênero e da sexualidade a partir de elementos e figuras linguísticas presentes na literatura de Caio Fernando Abreu, assim como em histórias narradas em um documentário realizado em Porto Alegre sobre homossexualidade e AIDS (Meu tempo não parou) (p. 193).

O autor busca problematizar os processos de subjetivação contemporâneos que estão nas políticas de gênero, de sexualidade e de AIDS. Por meio deste artigo, Pocahy permite-nos mergulhar no modo de vida, de pensamento e vivên-

cias das *Irenes* (expressão utilizada para se referir a gays idosos), entre os anos 1950 e 1980 em Porto Alegre (RS). Para isso, Pocahy tem o cuidado de nos situar em relação ao contexto histórico da época, principalmente no que se refere à população gay nele inserida. O que mais chama a atenção, nesse texto, além da abordagem sobre questões de gênero, de identidades e de repressões, é o fato de o autor nos mostrar discursos, acontecimentos e ideologias do passado e do presente, refletindo, ou deixando espaço para refletirmos, sobre o que mudou e o que ainda permanece igual. Para isso, Pocahy apresenta-nos um documentário sobre as vivências e testemunhos de Rubine, uma travesti porto-alegrense. Ao acessarmos a voz de Rubine, vemos como o movimento homossexual brasileiro surgiu, a condição de marginalização à qual os gays estavam condicionados e as lutas por espaço, contra a AIDS e contra preconceitos.

“Dentro da lâmina veloz”, de Ricardo Postal e Emerson Silvestre, é um texto que traz, por meio da escrita, a problematização das políticas *queer*, pois essas “parecem possuir uma postura mais agressiva, seja pela forma como os ativistas decidem protestar, seja pelas próprias reivindicações que são feitas” (p. 212). Norteados pela teoria *queer*, os autores buscam compreender o conto “Pela noite”, de Caio Fernando Abreu, atentando para a construção identitária do protagonista. Este artigo, assim como os demais que compõem o livro, faz com que tenhamos acesso às condições a que estão submetidos os personagens gays e aos efeitos do surgimento da AIDS na sociedade e na vida daqueles que não estão inseridos na heteronormatividade, acentuando a discriminação, a violência e a marginalização. Ademais, ao conhecermos a história de Pérsio e Santiago (personagens do enredo de “Pela noite”), acessamos os anseios, os medos, as dúvidas, as ideias e os sentimentos deles e, desse modo, é possível perceber que eles são seres humanos como quaisquer outros e, por isso, deveriam ser tratados com respeito e não com ódio ou preconceito. Tal ideia contribui para o rompimento de ideologias que levam à homofobia, uma vez que, fornecendo sua interpretação do conto de Caio Fernando Abreu, os autores propiciam o espaço à empatia e à alteridade, que promove identificação do leitor com as personagens.

Por fim, também focado na obra de Caio Fernando Abreu, Gérson Werlang, em “Retratos da fragilidade: reflexos da doença nas *Cartas* de Caio Fernando Abreu”, analisa as cartas do autor, discutindo a presença temática e discursiva da AIDS nessas correspondências. O autor escolhe iniciar o texto apresentando-nos uma carta de Caio F. Abreu a fim de indicar a temática escolhida: a antecipação. Ao entrelaçar excertos da carta com suas reflexões, Werlang esclarece o que é “a antecipação”, revelando-nos que Caio F. Abreu sentia que era inevitável o destino de ser abraçado pela AIDS, como se já antecipasse que fosse contrair o vírus a qualquer momento. Assim, ele expõe como o tema AIDS e o medo dela fazem parte dos pensamentos de Caio F. Abreu e, ao fazer isso, nos conduz para um entendimento e reflexão sobre “a pessoa” Caio F. Abreu. Werlang fecha o livro de modo pertinente, uma vez que, como os demais trabalhos abordaram em sua maioria obras desse escritor, acaba convocando todas as reflexões prévias, levando o leitor a pensar na relação entre Caio como pessoa-escritor e sua obra literária. Quando acessamos algo tão íntimo como os relatos e, conseqüentemente, os pensamentos de Caio F. Abreu, através das cartas, é possível esclarecer o entendimento dos enredos e discussões nos trabalhos supramencionados.

Ao pensarmos nos assuntos abordados neste livro, lembramos como eles podem auxiliar nas relações a serem estabelecidas ou desconstruídas, para pro-

porcionar e aflorar debates acerca dos limites de gênero e como a sociedade impõe determinadas condutas arbitrárias baseadas na heteronormatividade. Por fim, o livro deixa-nos perceber que as identidades de gênero consideradas fixas e imutáveis, constituídas fixamente, não são mais adequadas ao mundo contemporâneo. Entretanto, as diversas situações constrangedoras por quais passam aqueles que não se enquadram no dito *binarismo de gênero* mostram que, na realidade, a sociedade fecha-se às diversas identidades instáveis e possivelmente em construção. Assim, o discurso literário vem como alternativa de agente desestabilizador da cultura dominante. Nesse sentido, destaca-se a importância de tais reflexões que proporcionam um espaço, muitas vezes negado, para considerar outras formas de representação (e interpretação), que sejam tão diversificadas quanto os inúmeros corpos e suas mais variadas expressões de identidade de gênero.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. *Cartas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- ABREU, C. F. Aqueles dois. In: ABREU, C. F. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.
- ABREU, C. F. Terça-feira gorda. In: ABREU, C. F. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005b.
- ABREU, C. F. Pela noite. In: ABREU, C. F. *Triângulo das águas*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- ALÓS, A. P. (org.). *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2017. 258 p. Disponível em: http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/29032017-0303150. Acesso em: 5 jul. 2019.
- AMADO, J. *Capitães da areia: romance*. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ARENAS, R. *Antes que anochezca*. Barcelona: Tusquets, 1996.
- AZEVEDO, A. *O cortiço*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CAMINHA, A. *Bom-crioulo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LINDON, M. *O que amar quer dizer*. Tradução Marília García. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MOSCOVICH, C. *Duas iguais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SONTAG, S. *The way we live now*. New York: The Noonday Press, 1991.

Recebido em 30 de janeiro de 2018.

Aprovado em 6 de setembro de 2018.

ALÓS, A. P. (org.). *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS*. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2017. 258 p.